

Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil  
REVISTA BRASIL NIKKEI BUNGAU  
EDIÇÃO 30

SUMÁRIO DO CONTEÚDO EM PORTUGUÊS

O CAMINHO DO SABER	
Atuo Takemoto .....	2
NOTÍCIAS.....	3
HAICAI	
Seleção de Edson Kenji Iura.....	4
POESIA	
Seleção de Eunice Arruda e Yoji Fujyama.....	6
PEQUENO CONTO	
Seleção de Sumiko Nishitani Ikeda .....	10
GRANDES AUTORES JAPONESES	
Quem tem razão?	
Ryunosuke Akutagawa .....	12

## O CAMINHO DO SABER

A nossa revista *Brasil Nikkei Bungaku* completa a sua 30ª edição com muito orgulho. Nossos prezados leitores, que esperam ansiosamente por cada nova edição, também podem se orgulhar em ler, a cada quatro meses, trabalhos selecionados em sete modalidades literárias em japonês, três modalidades literárias em português e a tradução para o português de obras literárias japonesas.

No seio da sociedade nipo-brasileira, a nossa revista, hoje denominada *Brasil Nikkei Bungaku*, remonta a 42 anos de existência. Em 1966 foi publicada a primeira edição da revista *Colônia Bungaku* (somente literatura em língua japonesa), na época considerada pelo governo japonês como a revista literária de melhor qualidade editada no exterior, tendo publicado 32 números. Em 1980, foi editado o primeiro número da publicação denominada *Colônia Shibungaku* (também somente em língua japonesa), que alcançou o número 60. A partir do ano de 1999, com a denominação de *Brasil Nikkei Bungaku*, a revista chega aos 30 números em 2008, sendo que, desde 2005, foram incluídas modalidades literárias em língua portuguesa.

Portanto, ao somarmos desde o primeiro número da revista *Colônia Bungaku* até o 30º número da *Brasil Nikkei Bungaku*, teremos ao todo 122 edições.

Durante esta caminhada para se chegar à 30ª edição, quero louvar o desempenho de todas as pessoas envolvidas na edição e confecção da revista: o corpo de jurados para seleção dos trabalhos para publicação; os editores, redatores e tradutores; os responsáveis pelo cadastro e despacho; os envolvidos da área gráfica e todos os demais colaboradores.

Creio que a continuidade da revista foi possível até hoje devido às pessoas envolvidas serem realmente idealistas da cultura literária, que é o alicerce do país.

Gostaria de aqui deixar o meu sincero agradecimento. A todos, pela dedicação voluntária, para que possamos continuar no *Caminho do Saber*, a minha eterna gratidão.

Atuo Takemoto  
Presidente em exercício da  
Associação Cultural e Literária  
Nikkei Bungaku do Brasil

### HAICAI

Seleção de Edson Kenji Iura  
Temas desta edição: Verão

Por trás da montanha  
acentuando seu contorno...  
O sol de verão.

Dia de Ano Novo –  
Encalham na areia da praia  
restos de oferendas.

Benedita Azevedo  
Magé, RJ

instante tão breve  
fosforescência-do-mar –  
lembrança de infância

na Serra do Mar  
a rendilhar os caminhos  
grandes samambaias

Clarice Villac  
Campinas, SP

Na calçada  
formigas embandeiradas –  
farta provisão!

Débora Novaes de Castro  
São Paulo, SP

Até onde a vista alcança  
Descortina-se o horizonte –  
Tarde de verão.

Hazel de São Francisco.  
São Paulo, SP

Mais um dia passa...  
Papai Noel esgotado  
ao fim do trabalho.

Primeira trovoada.  
Disparam abaixo da cama  
o gato e o cachorro.

A praça mais cheia  
de velhos e aposentados.  
Janeiro arrastado.

Francisco Handa  
São Paulo, SP

No banco da praça  
conversas jogada fora...  
Tarde de verão.

Fingindo-se morta  
lagartixa é ignorada –  
Serra do Espinhaço.

Iraí Verdán  
Magé, RJ

Paisagem serrana –  
Hortênsias rosas e azuis  
Harmoniosa dupla!

Irene Fuke  
São Paulo, SP

### NOTÍCIAS

O conselho da *Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil*, no dia 19/10/2008, aprovou a proposta da diretoria, apesar das dificuldades econômicas, de conservar, no ano de 2009, a mesma anuidade de 2008, isto é R\$ 100,00, e, para contribuintes especiais, R\$ 140,00. Os associados poderão efetuar o pagamento através de via postal, enviando cheque cruzado e nominal a favor da *Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil*, destinatária Sra. Kazuko Ezawa, Rua Senador Felício dos Santos, 230, apto. 51, São Paulo, SP, 01511-010.

### Novos associados

Chika Daimon, Harue Kasaishi, Helena Hideko Asatsuma, Hisashi Nagata, Itsuko Yamaguti, Izumi Fujiki, Kasuko Hirata, Keiko Izawa, Lúcio Kume, Mack Edwards, Regina Lúcia Alonso Peres, Sumiko Nishitani Ikeda, Takeshi Minakawa, Tamio Sakaguti, Teruko Oda, Tetsutaro Amano

Moleque feliz  
No pescueiro improvisado –  
Lambaris aos montes.

Mistura de cheiros –  
Sobre a roupa do mendigo  
Flor de sabugueiro.

Perfuma o jardim  
E a vassoura do gari –  
Flor de sabugueiro.

Mahelen Madureira  
Santos, SP

Flores de abóbora  
ainda bonitas no prato.  
Conversa fiada.

Na ponta da bota  
a manchete do jornal.  
Estação chuvosa.

O que a lagartixa  
quer dizer com suas pegadas?  
Ah! Ideogramas.

Nelson Savioli  
Rio de Janeiro, RJ

No cair da tarde  
Crianças voltam da escola  
Sorvetes nas mãos.

Olga Amorim  
São Paulo, SP

Marcha nupcial –  
Nas mãos trêmulas da noiva  
buquê de jasmíns.

Vovó na sacada  
relembra velhas marchinhas –  
Terça-feira gorda.

Pista interditada –  
O caminhoneiro descansa  
no sombral da estrada.

Regina Alonso  
Santos, SP

Parado, esperando  
Ventilador quer girar –  
Ninguém tem calor?

Silvio Gargano Junior  
Batatais, SP

Barulho noturno.  
Atrás da minha cama  
uma mariposa!

Valdir Peyceré  
Argentina

Mangas maduras  
Os galhos lotados  
Passarada aproveita

Vera Vilela  
Bauru, SP

CEGUEIRA

Na escuridão da noite  
olhos que apalpam lembranças:  
Nenhuma forma ou contorno  
nem consistência de nada.

Uma criança descalça?  
Memória de certa rua?  
O realejo na praça?  
Uma estrela cadente?  
A janela escancarada?

E o vento frio feito açoite  
na mesma pele de outrora  
de outras noites e olores ...  
De existências passadas.

E pela casa vazia  
cegueira da madrugada.

Regina Alonso  
Santos, SP

- 6 -

CAFÉ COM POESIA

Um poema não se perde no tempo  
Pode ser consumido no trem, no ônibus,  
No banco da praça.  
Pode ser servido com fritas ou  
Café expresso,  
Nos bares luxuosos dos jardins  
Ou nos bares suburbanos do centro da cidade  
Onde é consumido com o pingado  
Do trabalhador.

Um poema um café  
Consumidos diariamente  
Sem preconceitos ou rituais.

Pode ser servido antes do sexo  
Com dedicatória e motivos simples.

Café e poesia  
Desabafo total  
Após a leitura do jornal.

Um poema não se perde no tempo  
É ingerido no café...  
Puro, puro, puro.

Carlos Roberto Pina de Carvalho  
S. Paulo, SP

INFÂNCIA FELIZ

Esta moleca sapeca  
Pula, pula sem parar  
Pula a sombra da palmeira  
Pisa o brilho do luar.

Esta moleca marota  
Não conhece outro lugar  
Que não seja esta favela  
Pra correr e pra brincar.

Esta moleca feliz  
Não sabe o que é tristeza  
Pois tudo o que sempre quis  
Tem no morro, com certeza!

Mahelen Madureira  
Santos, SP

- 7 -

ENCONTRO

Lentamente, no tempo quase inexistindo,  
o fui descobrindo, no quintal...  
Vermelho, às vezes amarelo, alaranjado, cor-de-rosa,  
no esplendor das formas florais...  
Ali também sobre o muro, no gato rabicó,  
caolho, sujo, por vezes ferido, purulento,  
vazando pus pelos ferimentos das suas noitadas...  
Mas nele brilhando a chama vital...

E na face do velho poeta,  
parecendo esculpida em madeira de lei,  
que me falava um dia, da imagética poesia  
que se deve colher além das palavras...  
Estava no gato sobre o muro, sujo e purulento,  
na magnificência dos hibiscos florescendo,  
na poesia além dos sentidos comuns...

Mas me diziam que estava nos templos,  
altares, livros sagrados, mensagens...  
Na verdade, está e não está em toda parte,  
dependendo do olhar de quem O procurar...

Maria Aparecida S. Coquema  
São Paulo, SP

VOZES DO SILÊNCIO

Regina Alonso  
Santos, SP

Naquela manhã, a melhor notícia. Nunca esperei que viessem às minhas mãos. O mano avisou que o antigo aparelho de jantar e café é meu. *Vá buscá-lo! Liga e combina...* Trêmula, respondi – *Verdade?! –* tentando dissimular a emoção... Esse aparelho estava em seu poder desde o falecimento de mamãe, há cinco anos. A decisão fora de papai, pois sabia que o meu irmão adorava essa porcelana inglesa – pratos rasos, pratos de sopa e de sobremesa; quatro travessas rasas e três fundas; duas sopeiras; molheira com prato aparador; uma fruteira; xicaras e bules. Nem quis deter-me nas razões do desprendimento de meu irmão. A partir dessa data, tornei-me outra. Passei a convidar parentes e amigos para almoços e jantares, com frequência. Sim, não nego. Desejo enorme de exibir-me diante de todos!

No dia marcado, estendia a toalha de linho branco, engomada de véspera, suando ao calor do ferro, mas antecipando os comentários que me deliciariam. Pronta a mesa, o azul do delicado desenho da porcelana enchia a sala de luz. Adorava quando me perguntavam a procedência do aparelho – alguns sempre gostam de levantar dúvidas quando nos vêm felizes, em quase êxtase! Cuidadosamente virava uma das travessas e mostrava, sem disfarçar meu orgulho, a marca da casa pintada em delicada coroa e a numeração. O prazer corria-me as entranhas ao ver o olhar invejoso do questionador, a palidez de suas faces... Muitos, cheios de ganância, calculavam o valor e depois, com espanto, apontavam a cifra final. Só nesse exato momento eu informava sorradeira, que, na verdade, esse valor era aproximado, pois os pratos fundos e rasos eram duas dúzias de cada tipo. E maldosa, mas tentando manter atitude casual, abria o armário da sala comprovando o que dissera. Podia sentir, agora, o sabor amargo em suas bocas, perceber as gotículas de suor em suas testas, ao refazer os cálculos chegando ao resultado final. Suavemente, como se por acaso, lembrava que deviam converter o valor em dólares, pois assim era a cotação no mercado.

Quando o almoço ou jantar seria servido, eu indicava os lugares, sem desviar meu olhar das expressões invejosas de alguns. Na fina porcelana, a comida reinava e na molheira delicada, os convidados serviam-se com reverência. Alguém sempre acabava ressaltando a forma sextavada das peças,

– 10 –

GRANDES AUTORES JAPONESES

QUEM TEM RAZÃO?

Ryunosuke Akutagawa  
Tradução de Maurício Crespo

Declaração do lenhador

Foi realmente isto, senhor delegado. Quem descobriu o cadáver fui eu. Hoje de manhã, como de costume, fui cortar cedros na montanha. Foi então que apareceu este cadáver, dentro de uma moita na encosta da montanha. Onde ele foi encontrado? Certamente um lugar afastado uns 40 metros da parada de Yamashina. Um lugar pouco freqüentado, onde cedros muito finos se misturam com bambuzais.

O cadáver estava ali, deitado para cima, coberto com um manto azul escuro e na cabeça um chapéu à moda da capital. Foi apenas um golpe de espada, mas como foi na região do peito, as folhas de bambu ao lado do cadáver pareciam embebidas no capim. O sangue não mais corria. A ferida já tinha cicatrizado. Mais ainda, uma mosca estava af agarrada, como se não ouvisse o ruído de meus passos.

Não apareceu espada ou objeto semelhante? Não, não havia nada. Havia apenas uma corda jogada ao lado das raízes do cedro perto. Ah, é verdade, além da corda havia um pente. Além do cadáver, havia só essas duas coisas. O capim e as folhas de bambu estavam pisados em desordem, indicando que a vítima sem dúvida lutou desesperadamente antes de ser assassinada. Não, não havia nenhum cavalo. Nem o local podia admitir um cavalo.

Declaração do bonzo em viagem

Com toda certeza eu me encontrei ontem com aquele homem. Era, creio eu, de tarde. Local? Eu estava a caminho de Sekiyama para Yamashina. Aquele homem caminhava em direção de Sekiyama, junto com uma mulher montada a cavalo. A mulher usava um chapéu com véu, e assim não pude ver o seu rosto. Consegui ver apenas a cor de seu quimono, vermelho escuro com azul na parte de dentro. O cavalo com certeza era de cor cinza, com crina curta. Altura? Teria mais ou menos um metro e 30 centímetros. Eu sou um bonzo, não entendo bem dessas coisas. O homem portava uma espada e trazia

algo inusitado. Ao meu prazer bastava esse comentário – nenhum apetite para degustar as delícias, que preparara horas e horas na cozinha, desde as vésperas. O clímax, na hora da sobremesa, ao servir as frutas num prato alto, com o pé trabalhado, colocado bem ao centro da mesa! Impossível não perceber que a respiração de todos se tornava mais intensa e eu, a mais importante anfitriã, graças ao aparelho inglês. Não permitia, mesmo quando o almoço era em família, que ninguém lavasse um prato sequer. *Não iria colocar aquela preciosidade em risco!*... pensava, cabeça erguida, empurrando todos para longe da pia. A avó recriminava-me. *Não valorizas a história da louça, nem queres saber quem presenteou teus pais...* A alegria daquela época em meio às refeições, conversas prazerosas, todos ajudando a servir, a retirar a louça, lavá-la, guardá-la nos armários... Até as crianças mais velhas ajudavam! Eu ignorava suas palavras; refugiava-me na sala e buscava retomar o assunto, oportunamente, com qualquer convidado, ressaltando o valor do aparelho pela posse orgulhosa, simples poder de quem é detentor de privilégios.

Almoços, jantares, festas de final de ano, aniversários sucederam-se. Eu, inflexível, não abdicava de minha postura. Os meus três filhos casaram-se – a nenhum dei o aparelho; jamais o confiaria aos cuidados de qualquer nora! A avó, certo domingo, amanheceu morta. Meu pai, após longo período de doença, também faleceu. Os tios foram rareando as visitas; a tia-avó internada num asilo; os amigos desaparecendo um a um... Os tempos mudando. Impossível convidar alguém – como enfrentar os gastos com o cardápio? Os pratos pareciam espiar-me... olhos azuis, agora esmaecidos, no fundo do armário!... Eu não entregava os pontos! Diante da impossibilidade de exibir-me, abria o armário, todos os dias. Contava e recontava as peças; acariciava seus contornos buscando ouvir os velhos e prazerosos comentários. A cada dia, as vozes mais distantes... E numa tarde silenciaram por completo! Em minhas mãos enrugadas e cheias de artose, apenas pratos vazios de comida e afeto. As lágrimas escorreram fartas sobre a pintura azul, que parecia mover-se em direção a outros caminhos. Não sei quantas horas permaneci diante do armário aberto. O marido acendeu a luz da sala, ajudou-me a levantar; levou-me até a pia para lavar o rosto, sem dizer uma palavra.

Sentada no sofá, peguei o telefone. *Filho, você está bem? Nanci está? Ah, foi às compras... Olha, é para vocês virem buscar o aparelho de jantar de porcelana inglesa. Sim, é verdade, vocês são três; fica com você, que é o mais velho... Depois, quem sabe?! Um arripio percorreu-me o corpo. Pedi ao marido para fechar a cortina. Diante do armário, tantas mãos estendidas no antigo ato de partilhar os momentos da vida com amor e carinho!*

– 11 –

consigno arco e flecha. Agora me lembro perfeitamente que sua caixa de flechas tinha mais ou menos 20. Aquele homem nem por sonho esperava terminar assim. Mas a vida humana é como o orvalho que logo seca numa planta, ou como relâmpago que rapidamente desaparece no céu. Foi realmente algo lamentável.

Declaração do criminoso

Fui eu quem capturou? Sim, fui eu quem capturou Tajomaru, o famoso ladrão. Quando o capturei, ele tinha caído do cavalo, e ainda estava gemendo. A hora? Mais ou menos 8 horas da noite. Quando eu o preendi, estava vestido com um quimono azul escuro, mostrando claramente a espada. Além disto, como estão vendo, aqui estão arco e flechas, o homem do cadáver também tinha. O assassino foi certamente Tajomaru. O arco enrolado em couro, a caixa de flechas pintada em negro, as 17 flechas de pena de águia. Tudo este homem tinha. Também o cavalo como o senhor diz, era de cor cinza e crina de pelo curto. Foi algo do destino ter sido ele derrubado do cavalo. E o cavalo estava ali, um pouco antes da ponte de pedra, arrastando uma longa rédea.

Dentre os ladrões que perambulam pela capital, Tajomaru é um dos que mais gostam de mulheres. Afirma-se que a mulher que tinha vindo visitar o templo, e fora encontrada morta na colina atrás da estátua de Pindora no templo de Toribe, no outono do ano passado, fora tudo obra de Tajomaru. Se este homem foi morto por Tajomaru, não sei o que aconteceu com a mulher montada no cavalo cinza. O senhor vai me desculpar, mas fique a vontade para investigar.

Declaração da mulher velha

Este cadáver é do homem que se casou com minha filha. Ele não nasceu em Quioto, e sim natural da região de Wakasa. Seu nome era Takehiro de Nakazawa, com 26 anos de idade. Era uma pessoa muito dócil, incapaz de ser odiado por alguém.

E a minha filha? Chama-se Masago, com 19 anos. Era uma mulher voluntariosa e autoritária como um homem, mas não conhecia outro homem senão Takehiro. Seu rosto era oval pequeno, amorenado, com uma mancha escura no canto do olho esquerdo.

Takehiro saiu ontem com minha filha rumo a Wakasa. Mas que fatalidade o que aconteceu. Mesmo deixando de lado o meu genro, estou muito preocupada com minha filha. Esta velha implora: procurem a minha filha, custe o que custar. Que homem mau, aquele Tajomaru; aquele ladrão. E

lá vai meu genro, até mesmo minha filha... (O resto foi puro choro, as palavras não saiam).

### A confissão de Tajomaru

Fui eu quem matou o homem. Mas não matei mulher nenhuma. Então, aonde foi ela? Isso eu não sei. Ah, espere um pouco. Por mais que seja torturado, não posso dizer o que não sei. E nessa situação em que estou, não tenho a menor intenção de fazer segredos.

Era mais ou menos meio-dia quando me encontrei com aquele casal. Foi justamente quando ventou um pouco e o véu que cobria o rosto da mulher se levantou, e assim ele apareceu por um instante. Por um instante, e no instante seguinte já não mais se via. Mas por isso mesmo ela me apareceu como uma deusa. Nesse momento eu decidi arrebatar a mulher, ainda que tivesse de matar o homem.

Como vocês estão imaginando, matar um homem não é um grande problema. Arrebatar a mulher significa inevitavelmente matar o homem. Quando mato uma pessoa eu uso a espada que está na minha cintura, mas vocês não a usam. Vocês matam com força política, matam com dinheiro. Matam com palavras enganosas. E claro, não corre sangue, o homem continua vivo... mas ele matou. Se compararmos a profundidade do crime, vocês são mais criminosos? Ou sou eu mais criminoso? Não, não sei quem é mais criminoso (Riso irônico).

Eu seria feliz se conseguisse arrebatar a mulher sem matar o homem. Era esta a minha intenção: arrebatar a mulher sem matar o homem. Mas isto não era possível naquele ponto de Yamashina. Tentei então levar os dois para dentro do mato.

Foi fácil. Eu me juntei ao casal, contei então que no bosque ao lado havia um velho túmulo que eu escavei encontrando uma grande quantidade de espelhos e espadas. Para que ninguém descobrisse, enterrei tudo numa moita do bosque. Se alguém desejar, podia vender qualquer um por um preço bem barato. O homem pouco a pouco começou a se interessar por minha conversa. Então, que coisa terrível é a ambição, em meia hora o casal, com o cavalo, caminhava comigo pelo bosque.

Quando chegamos em frente à moita, expliquei que o tesouro estava ali dentro, que viessem ver. O homem estava dominado pela ambição, e concordou logo. A mulher não desceu do cavalo, ficando à espera. Talvez ela receasse aquele mato fechado. Era exatamente o que eu queria. Entrei no mato com o homem, deixando a mulher sozinha.

- 14 -

(o que estava caído junto a raiz do cedro era a corda que tinha esquecido de jogar fora). O homem brandiu sua grande espada, e lançou-se ao ataque sem nada falar. Não é preciso explicar o resultado desta luta de espadas. No vigésimo terceiro choque eu acertei o peito do adversário. Notem bem, vigésimo terceiro golpe. Admiro até hoje este detalhe. Quem lutou comigo até o vigésimo terceiro golpe só foi este homem (Forte risada).

Quando o homem caiu, guardei a espada banhada de sangue e voltei-me procurando a mulher. Para onde teria ela fugido? Procurei por todo o bosque de cedros. Porém, por mais que apurasse meus ouvidos, só conseguia ouvir as vozes de agonia que saiam da garganta do homem.

Talvez aquela mulher tenha fugido logo que começou a luta. Teria atravessado o mato em busca de socorro. Assim pensando, pensei em me proteger. Recolhi a espada, e o arco e flecha do adversário, e corri para o anterior caminho da montanha. Aí estava ainda o cavalo da mulher, comendo tranquilamente o capim. O que aconteceu depois não interessa muito. Ah, um detalhe, antes de entrar em Quioto joguei fora uma das espadas. Até aqui a minha confissão. De qualquer maneira, estou preparado para ser pendurado num galho de árvore. A pena máxima para mim (Atitude triunfante).

### Declaração da mulher que veio ao templo de Shimizu

O homem vestido de azul escuro, depois de me violentar, contemplou meu marido, preso em cordas, e riu dele com desprezo. Meu marido foi realmente uma pena. Quanto mais se mexia para se livrar das cordas, mais estas o prendiam. Eu instintivamente me movi para perto dele. Cheguei mesmo a correr. Mas o homem rapidamente me derrubou. Foi exatamente neste momento. Compreendi que no fundo dos olhos de meu esposo havia um brilho indizível. Ainda agora, quando me lembro daqueles olhos, meu corpo treme todo. Meu marido, que falava, transmitiu todo o seu sentimento com os olhos. Mas o que brilhava ali não era ira nem tristeza. Era apenas desprezo em relação a mim. Era um brilho frio. Ele não me dava um pontapé, mas me batia com o brilho daqueles olhos. E finalmente perdeu os sentidos.

Quando finalmente percebi a situação, o homem de veste azul escuro tinha ido a algum lugar. Ficou o meu marido, atado às raízes do cedro. Eu me pus de pé em cima das folhas de bambu, e fiquei olhando o rosto de meu marido. Mas o brilho de seus olhos não tinha mudado nem um pouco. No fundo do sentimento de desprezo, havia também um sentimento de ódio. Vergonha, tristeza, ira: meus sentimentos nesse momento eram de difícil definição. Fui cambaleando para junto de meu marido.

No início era mato fechado, cheio de moitas de bambu. Mas depois de 50 metros havia uma clareira, apenas com alguns cedros, exatamente o melhor lugar para meu trabalho. Fui abrindo caminho entre o mato, e preguei a melhor mentira que podia: o tesouro estava enterrado debaixo dos cedros. Ouvindo minha explicação, o homem caminhou decididamente para o lado dos cedros. Os bambus ficavam mais escassos e os cedros vinham uns atrás dos outros. Senti que ali seria mais rápido e derrubei o homem. Ele levava a espada, o que demonstrava sua força, mas foi pego desprevenido. Imediatamente ficou preso numa raiz de cedro. A corda para prendê-lo? Graças a minha ocupação de ladrão, sempre levava comigo uma, preparado para pular um muro. E para que não gritasse, bastou encher a boca com folhas de bambu.

Depois de imobilizar o homem, voltei para o lugar da mulher e disse-lhe que o marido tinha sido acometido por alguma doença, e que viesse vê-lo. Não é preciso dizer que meu plano deu certo. Ela tirou o chapéu, e levada por minha mão entrou no mato. Mas ao chegar naquele lugar, percebeu que o homem estava preso na raiz do cedro. Ao ver aquilo, de repente a mulher tirou um punhal de dentro de sua roupa. Até hoje eu nunca vi mulher tão violenta. Se eu me descuidasse, uma punhalada teria atravessado meu estômago. Consegui desviar, mas quase fui ferido com seus sucessivos golpes. Mas eu sou Tajomaru, e finalmente consegui derrubar aquele punhal. Por mais violenta que fosse aquela mulher, nada mais podia fazer sem arma. Consegui assim arrebatar a mulher, sem tirar a vida do homem.

Sim, sem tirar a vida do homem. Eu não tinha intenção de matar. Mas quando eu procurei fugir para fora do mato, deixando lá a mulher, de repente ela segurou meu braço com toda a força. "Ou você morre, ou meu marido morre. Não suporto passar vergonha por dois homens, é preferível a morte. Quero seguir o que sobreviver, seja quem for", gritava ela. Senti então um desejo violento de matar (Forte excitação).

Ouvindo esta minha explicação, vocês com certeza pensam que eu sou homem cruel. Mas isto é porque vocês não viram o rosto daquela mulher. Principalmente as pupilas dos olhos, que pareciam arder naquele instante. Quando meus olhos se encontraram com os dela, ainda que eu fosse castigado por um raio, eu decidi tomar esta mulher como esposa. Este era o meu desejo, apenas isso. Isto não era mero desejo carnal, como vocês provavelmente pensarão. Se aquilo fosse mero sexo, eu fugiria mesmo que tivesse de derrubar aquela mulher. E minha espada não se sujaria com sangue. Mas naquele momento em que fixei meus olhos no rosto daquela mulher dentro do mato, decidi não sair daquele lugar sem matar o homem.

Mas eu não sei se queria matar aquele homem de maneira vergonhosa. Eu desamareei as cordas que o prendiam e o desafiei para uma luta de espadas

-- 15 --

"Meu marido, depois de tudo isto, não posso mais viver junto. Estou disposta a morrer de uma vez. Você também deve morrer. Você presenciou a minha vergonha. Eu não posso deixá-lo sozinho".

Eu falei com todas as minhas forças. Mas meu marido só me olhava com olhar desagradável. Com profunda dor no coração, procurei a espada de meu marido. Mas tudo tinha sido roubado pelo ladrão: espada, arco e flecha. Nada foi encontrado naquele mato. Mas felizmente o punhal tinha ficado junto a meus pés. Brandi então este punhal e disse uma vez mais: "Vou matá-lo, mas sigo logo atrás".

Quando ele ouviu estas minhas palavras, finalmente moveu os lábios. Com sua boca cheia de folhas de bambu, sua voz não podia se ouvir direito. Mas ao ver seu rosto, eu entendi perfeitamente. Ele apenas me desprezava e dizia: "Mate-me". Como em estado de delírio, enterrei o punhal naquele peito vestido de azul escuro.

Certamente eu desmaiei naquele momento. Quando finalmente consegui ver ao meu redor, ele estava lá, amarrado em cordas, já sem respiração. Sobre aquele rosto azulado, um raio de luz de sol veio caindo do lado oeste, atravessando aquele mato de cedros e bambus. Chorando, desprendi e joguei fora as cordas que prendiam o cadáver. E então, e então, como fiquei eu? Não tenho mais forças para explicar.

Enfim, eu não tinha mais forças para explicar. Tentei várias coisas, como encostar uma faca no pescoço, lançar-me em lagos no sopé da montanha, tentei várias coisas mas não consegui morrer, não consegui morrer (sorriso triste). A deusa de todas as graças certamente desprezou uma criatura fraca como eu. Que devo fazer eu, matei o próprio esposo e fui vítima de um ladrão? Eu... eu... (De repente começa a chorar).

### Declaração do espírito do morto que usou a boca da sacerdotisa do templo

Quando o ladrão se apropriou de minha esposa, sentei-me a seu lado e procurei consolá-la. E claro, eu não podia falar e estava amarrado à raiz do cedro. Mesmo assim voltei-me muitas vezes para minha esposa. "Não acredite no que diz este homem, pense que tudo é mentira". Eu procurava transmitir o significado do que dizia. Mas ela continuava sentada sobre as folhas de bambu, sempre de cabeça baixa, parecendo aceitar as palavras do ladrão. Eu estava totalmente possuído pelo ciúme. Mas o ladrão continuava a falar com muita habilidade. Ela tinha se entregue a outro homem, e assim era natural que rompesse com o marido. "Ao invés de continuar ligado a esse homem, porque não se tornar minha esposa? Foi justamente por gostar de você que fiz tudo isto", disse o ladrão ousadamente.

Diante destas palavras, minha esposa levantou a cabeça como se estivesse em êxtase. Nunca tinha visto minha mulher tão bonita como naquele momento. Mas esta bela esposa, diante de mim ali amarrado, que respondeu ao ladrão? Ainda hoje, pairando entre o céu e o inferno, não deixo de tremer de ira quando penso na resposta da esposa. Ela disse isto: "Leve-me para qualquer lugar" (Prolongado silêncio).

Mas o pecado de minha esposa não foi apenas isto. Se fosse apenas isto, eu não estaria sofrendo nestas trevas. Como se estivesse em sonho, levada pela mão do ladrão, vai se dirigindo para fora do mato. Empalidecendo, ela apontou para mim, preso na raiz do cedro: "Mate aquele homem. Enquanto ele viver, não poderei viver com você". Como que enlouquecida minha esposa assim gritou várias vezes. Ainda agora, estas palavras, como que uma borrasca, parecem me lançar de cabeça para baixo para o longínquo fundo das trevas. Haverá palavras mais odiosas pronunciadas por uma boca humana? E haverá palavras mais malditas ouvidas por ouvidos humanos? Haverá? (De repente, um riso de desprezo) Ao ouvir estas palavras, o próprio ladrão não escondeu seu espanto. "Mate este homem". Assim gritando, minha esposa se agarrou ao ladrão. O ladrão ficou olhando sem responder se mataria ou não. Num instante minha esposa foi jogada sobre as folhas de bambu (Outra vez riso de desprezo). O ladrão silenciosamente cruzou os braços. Virou-se para mim e perguntou: "Que fazemos desta mulher? Matamos? Salvamos? Para responder, basta balançar a cabeça. Então, matamos?" Por estas simples palavras, tenho vontade de perdoar o crime do ladrão (Mais uma vez, prolongado silêncio).

Enquanto eu estava indeciso, minha esposa soltou um grito e saiu correndo. O ladrão pulou atrás dela, mas não conseguiu agarrar nem a barra de suas vestes. E eu estava olhando tudo aquilo, como a um espetáculo fantástico.

Depois que minha esposa fugiu, o ladrão recolheu a espada, e o arco e flechas. Cortou apenas um local das cordas que me amarravam. "Agora é minha vida". Isto foi o que ouvi quando o ladrão murmurou ao sair do fundo do mato. Depois disto era silêncio. Não, ouvia-se um ruído de choro. Procurei ouvir com cuidado, Mas com um pouco de atenção, percebi que era minha própria voz de choro (Longo silêncio pela terceira vez).

Consegui finalmente levantar meu corpo exausto das raízes do cedro. Em minha frente brilhava o punhal que minha esposa tinha deixado cair. Tomei o punhal e atravessei com ele meu peito. Um sabor podre saiu pela boca. Mas não havia sofrimento algum. Mas à medida que meu corpo esfriava, tudo era silêncio em volta. Era um grande silêncio. Nem pássaro vinha piar no céu daquele mato na encosta da montanha. Uma sombra triste pairava atrás

dos cedros e bambus. Sombras... que também foram desaparecendo. Os cedros, os bambus, tudo ia morrendo. E meu corpo estava ali.

Alguém se aproxima de mim, pé ante pé. Procurei ver quem era. Mas já as trevas começavam a dominar. Esse alguém não podia ser visto, mas retirou o punhal de meu peito. Mas ao mesmo tempo o sangue começava a se encher em minha boca. Eu mergulhei para sempre para algum lugar entre o céu e o inferno.

Ryunosuke Akutagawa (1892-1927) nasceu em Tóquio. Com a precoce idade de 10 anos editou e publicou uma revista, em que ele próprio ilustrava a capa. Profundo conhecedor não só da literatura de seu país mas também da literatura estrangeira, recebeu particular influência da literatura russa. Na Universidade de Tóquio estudou sob a direção de Soseki Natsume, também famoso novelista do começo do século XX. Sua produção literária foi intensa, principalmente contos para jovens: *Toshishun* (Tu Tze-chen) e *Hana* (O Nariz) são os mais conhecidos, além de *O Fio da Aranha*. Atingido por grave doença mental, veio a falecer se suicidando na idade de 35 anos.

Maurício Crespo, natural do Rio de Janeiro, desde jovem interessou-se pela cultura japonesa, viajando ao Japão em 1962. Exerceu o magistério por 10 anos na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio e, trabalhou por mais de 10 anos na Divisão Internacional da NHK, onde se dedicou principalmente a atividades de apresentação da cultura japonesa. Desde fins da década de 1960 iniciou um trabalho editorial, que se especializou em livros infantis (*ehon*). *O fio da Aranha* e *Toshishun*, pela primeira vez publicados no Japão em forma de *ehon*, são uma parte desse trabalho que teve ampla aceitação internacional.